

COMENTÁRIO AO EVANGELHO DE SÃO MATEUS (5, 17-37)

O amor e a fidelidade à lei constituíam a justiça e a santidade do povo de Israel. No entanto, a lei ainda não era perfeita e tinha sido bastante materializada pelos homens. Veio Jesus e disse: «Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas: não vim revoga-la, mas completa-la» (Mt 5, 17-18). Jesus ensina-nos que uma fidelidade à lei, material e externa, não é suficiente, pois lhes falta uma fidelidade interna e profunda, que abarque a mente e o coração.

Ao vivermos num mundo de aparência, donde se fala mal de quem não está dentro de certos parâmetros de vestimenta, de etiqueta social, ou simplesmente por não pensar igual. Uma sociedade que dá mais valor ao ter, do que ao ser, é uma sociedade fútil e superficial, porque não usa armas para matar, mas mata com a língua venenosa. Neste contexto, o ódio, o rancor, a inveja, o desprezo, são todos elementos que nos afastam do próximo, vendo-o não como amigo, senão como inimigo que devo abater, moralmente e às vezes fisicamente.

Somente aquele que tem um coração nobre é capaz de deixar a sua oferta frente ao altar, para reconciliar-se com aquele que tem algo contra ele. Pois, está livre e pode dar o primeiro passo, não espera que a iniciativa seja do outro, porque esse passo nunca será dado. Onde há guerra no coração, não se pode buscar a paz. Somente aquele que está em paz a pode oferecer e pode perdoar. A reconciliação faz-se quando, em vez de utilizar a sabedoria do mundo, se utiliza a sabedoria de Deus contida na profundidade do Evangelho. Não é um clichê, mas sim um desarraigo profundo de tudo o que me impede de estar com Deus, no serviço dos irmãos.

A oferta a Deus, não é puramente material, é ante todo espiritual e para isso, o perdão, a reconciliação, o formar comunidade são elementos essenciais num caminho de amor profundo, onde reconheço a presença de Deus na comunhão de toda a Igreja, como Corpo de Cristo e irmanada num só Espírito.

P. Bonifácio, IMC

AGENDA

Quarta-Feira, dia 18 de fevereiro

Início da Quaresma com a celebração das Cinzas e dia de Jejum e abstinência. Os horários das missas neste dia serão:

10h00 – Igreja do Algueirão

14h30 – Igreja do Telhal

19h00 – Salão das Mercês

19h00 – Igreja de Mem Martins

21h00 – Igreja do Algueirão

Precisamos de catequistas

A nossa paróquia precisa de catequistas. Os interessados deverão contactar o cartório paroquial ou a equipa de acolhimento.

AVISO – CONFISSÕES

A equipa pastoral organizou os horários e locais das confissões, de forma a facilitar o acesso de todos a este sacramento. Durante este ano, as confissões realizam-se ao longo da semana, em diferentes locais da paróquia.

Dia	Local	Horário
Segunda-feira	Telhal	17h - 18h
Terça-feira	Algueirão	17h30 - 19h
Quarta-feira	Mercês	17h - 18h
Quinta-feira	Mem Martins	09h30 - 10h30
Sexta-feira	Algueirão	17h30 - 19h

MISSAS DOMINICAIS NA NOSSA PARÓQUIA:

10h (Telhal), 9h30 e 12h (Mem Martins), 10h30 (Mercês), 11h30 e 19h (Algueirão)

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PAPA LEÃO XIV PARA A QUARESMA 2026

Escutar e jejuar.

Quaresma como tempo de conversão

Queridos irmãos e irmãs!

A Quaresma é o tempo em que a Igreja, com solicitude maternal, nos convida a recolocar o mistério de Deus no centro da nossa vida, para que a nossa fé ganhe novo impulso e o coração não se perca entre as inquietações e as distrações do quotidiano.

Todo o caminho de conversão começa quando nos deixamos alcançar pela Palavra e a acolhemos com docilidade de espírito. Existe, portanto, um vínculo entre o dom da Palavra de Deus, a hospitalidade que lhe oferecemos e a transformação que ela realiza. Por isso, o itinerário quaresmal torna-se uma ocasião propícia para dar ouvidos à voz do Senhor e renovar a decisão de seguir Cristo, percorrendo com Ele o caminho que sobe a Jerusalém, onde se realiza o mistério da sua paixão, morte e ressurreição.

Escutar

Este ano gostaria de chamar a atenção, em primeiro lugar, para a importância de dar lugar à Palavra através da escuta, pois a disponibilidade para escutar é o primeiro sinal com que se manifesta o desejo de entrar em relação com o outro.

O próprio Deus, revelando-se a Moisés na sarça ardente, mostra que a escuta é uma característica distintiva do seu ser: «Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egito, e ouvi o seu clamor» (Ex 3, 7). Escutar o clamor dos oprimidos é o início de uma história de libertação, na qual o Senhor envolve também Moisés, enviando-o a abrir um caminho de salvação para os seus filhos reduzidos à escravidão.

É um Deus que nos envolve e, hoje, também vem até nós com os pensamentos que fazem vibrar o seu coração. Por isso, escutar a Palavra na liturgia educa-nos para uma escuta mais verdadeira da realidade: entre as muitas vozes que passam pela nossa vida pessoal e social, as Sagradas Escrituras tornam-nos capazes de reconhecer aquela que surge do sofrimento e da injustiça, para que não fique sem resposta. Entrar nesta disposição interior de receptividade significa deixar-se instruir hoje por Deus para escutar como Ele, até reconhecer que «a condição dos pobres representa um grito que, na história da humanidade, interpela constantemente a nossa vida, as nossas sociedades, os sistemas políticos e económicos e, sobretudo, a Igreja».

Jejuar

Se a Quaresma é um tempo de escuta, o jejum constitui uma prática concreta que nos predispõe a acolher a Palavra de Deus. Na verdade, a abstinência de alimentos é um exercício ascético muito antigo e insubstituível no caminho da conversão. Precisamente porque implica o corpo, torna mais evidente aquilo de que temos “fome” e o que consideramos essencial para o nosso sustento. Portanto, é útil para discernir e ordenar os “apetites”, para manter vigilante a fome e a sede de justiça, subtraindo-a à resignação e instruindo-a a fim de se tornar oração e responsabilidade para com o próximo.

Com grande sensibilidade espiritual, Santo Agostinho deixa transparecer a tensão entre o tempo presente e a realização futura que atravessa esta salvaguarda do coração, quando

observa que: «Ao longo da vida terrena, cabe aos homens ter fome e sede de justiça, mas ser saciados pertence à outra vida. Os anjos saciam-se deste pão, deste alimento. Os homens, pelo contrário, sentem fome dele, estão inclinados ao seu desejo. Esta inclinação ao desejo dilata a alma, aumentando a sua capacidade». Compreendido neste sentido, o jejum permite-nos não só disciplinar o desejo, purificá-lo e torná-lo mais livre, mas também ampliá-lo, de tal modo que se volte para Deus e se oriente para agir no bem.

No entanto, para que o jejum conserve a sua autenticidade evangélica e evite a tentação de envaidecer o coração, deve ser sempre vivido com fé e humildade. Ele exige um permanente enraizar-se na comunhão com o Senhor, porque «não jejuava verdadeiramente quem não sabe alimentar-se da Palavra de Deus». Como sinal visível do nosso compromisso interior de, com o apoio da graça, nos afastarmos do pecado e do mal, o jejum deve incluir também outras formas de privação destinadas a fazer-nos assumir um estilo de vida mais sóbrio, pois «só a austeridade torna forte e autêntica a vida cristã».

Por isso, gostaria de vos convidar a uma forma de abstinência muito concreta e frequentemente pouco apreciada, ou seja, a abstinência de palavras que atingem e ferem o nosso próximo. Começemos por desarmar a linguagem, renunciando às palavras mordazes, ao juízo temerário, ao falar mal de quem está ausente e não se pode defender, às calúnias. Em vez disso, esforcemo-nos por aprender a medir as palavras e a cultivar a gentileza: na família, entre amigos, nos locais de trabalho, nas redes sociais, nos debates políticos, nos meios de comunicação social, nas comunidades cristãs. Assim, muitas palavras de ódio darão lugar a palavras de esperança e paz.

Juntos

Por fim, a Quaresma realça a dimensão comunitária da escuta da Palavra e da prática do jejum. A Escritura sublinha também este aspeto de várias maneiras. Por exemplo, ao narrar no livro de Neemias que o povo se reuniu para escutar a leitura pública do livro da Lei e, praticando o jejum, se dispôs à confissão de fé e à adoração, a fim de renovar a aliança com Deus (cf. Ne 9, 1-3). Do mesmo modo, as nossas paróquias, famílias, grupos eclesiais e comunidades religiosas são chamadas a percorrer, durante a Quaresma, um caminho partilhado, no qual a escuta da Palavra de Deus, assim como do clamor dos pobres e da terra, se torne forma de vida comum e o jejum suporte um verdadeiro arrependimento. Neste contexto, a conversão diz respeito não só à consciência do indivíduo, mas também ao estilo das relações, à qualidade do diálogo, à capacidade de se deixar interpelar pela realidade e de reconhecer o que realmente orienta o desejo, tanto nas nossas comunidades eclesiais como na humanidade sedenta de justiça e reconciliação.

Caríssimos, peçamos a graça de uma Quaresma que torne os nossos ouvidos mais atentos a Deus e aos últimos. Peçamos a força dum jejum que também passe pela língua, para que diminuam as palavras ofensivas e aumente o espaço dado à voz do outro. E comprometamo-nos a fazer das nossas comunidades lugares onde o clamor de quem sofre seja acolhido e a escuta abra caminhos de libertação, tornando-nos mais disponíveis e diligentes no contributo para construir a civilização do amor.

De coração, abençoo todos vós e o vosso caminho quaresmal.

“CAMINHEMOS NA ESPERANÇA” - COM CRISTO, EM IGREJA SINODAL, SOMOS PEREGRINOS DE ESPERANÇA